

## 5 – O Êxodo dos Deuses

O ser humano é feito tanto de imaginação e sonho quanto de carne e osso. Assim também este planeta, constituído tanto de minerais, vegetais, animais, processos materiais e energéticos quanto de imaginação e sonho. Na linha da filosofia do Ocultismo, também chamada de ciência antiga ou arcana, a diferença entre as coisas da matéria e as coisas do espírito é uma ilusão. A ciência moderna, a seu modo, caminha para incorporar esse conceito, com a expressão “realidade virtual” ganhando terreno, até na linguagem corrente, sobre o termo “ilusão”.

Na filosofia budista esotérica, o poder cósmico que possibilita o mundo dos fenômenos e a percepção do mesmo pelos humanos é chamado de Maya e às vezes personificado em uma deusa com esse nome. Para essa concepção filosófica que se inclui no hinduísmo também, tudo aquilo que está sujeito a mudança por decaimento, tendo princípio, meio e fim, é considerado como ilusão (em sânscrito, *maya*). Como tudo o que a percepção e a imaginação humana conhecem, passa por isto, a chamada realidade toda é *maya*. Por extensão, o termo aplica-se à magia, à ficção, ao teatro e ao imaginário quando capazes de gerar aparências tão fortemente ilusórias que se confundem com o que comumente se chama de “aquilo que é real”.

Conforme notou Fritjoff Capra, esta concepção “mística” fica muito próxima da verificação feita pelos físicos contemporâneos, de que os fenômenos observados acima do nível subatômico mais escondem do que revelam a realidade em si. Para ir compreendendo o que se passa no Universo, em todas as escalas, do macro ao micro, é preciso saber o que ocorre no nível das partículas subatômicas, incrivelmente menores do que o átomo e muitas tendo um tempo de vida de pequena fração de segundos. Em suma: da Física de partículas, como do estudo da filosofia ocultista, fica a impressão de que “a realidade não é real”.

Sem que seja esta a intenção principal dos Autores, a primeira parte do presente capítulo pode ser vista como uma contribuição ao paralelismo entre a Física contemporânea e o conhecimento místico oriental, na linha de indagação tão bem conduzida por Capra em “O Tao da Física” (Cultrix, 1993), publicado originalmente em 1975 e 1983, e “Ponto de Mutação”.

Realmente, na virada do século XIX para o século XX, até que a teoria da Relatividade e a teoria quântica viessem mudar profundamente as concepções científicas sobre o mundo material, Física e Metafísica pareciam seguir cada vez mais em direções opostas. Até a década de 80 do século XIX, parecia haver uma certa convergência, num aspecto importante: a Física acreditava na existência do éter cósmico, espécie de meio ou substância transparente e sem peso preenchendo todo o Espaço, e no qual se propagavam as ondas eletromagnéticas (luz, raios gama, raios cósmicos, rádio etc.). Esta idéia agradava aos místicos ocultistas, porque permitia pensar que o éter cósmico era afinal o mesmo *akasha* da concepção oriental. Em 1887, a experiência de Michelson-Morley demonstrou que não existe o éter. Isto pareceu ser um duro golpe da Física sobre a Metafísica.

Mas a Física (conhecimento da Natureza, partindo dos fenômenos) viria logo a mostrar que a convergência com a Metafísica (conhecimento partindo das idéias) é uma firme tendência. Para substituir o descartado éter cósmico, os físicos do Século XX logo criaram a ideia de **campo**, mais abstrata que a ideia de “éter”, passando o “campo” a ser o meio onde se dão os fenômenos eletromagnéticos. Na Física quântica, as partículas subatômicas são consideradas “alterações no padrão do campo”. Essencialmente, esta conceituação não difere da metáfora do “oceano sem praias” (o *akasha*) do misticismo metafísico oriental, onde se chega a dizer que a matéria consiste de “akasha condensado”. O **campo unificado** que os físicos continuam procurando na prática é o meio onde os fenômenos eletromagnéticos e os fenômenos gravitacionais (vale dizer, toda a realidade do mundo material estudado pela Física) podem ser tratados igualmente, como a metafísica ocultista atribui ao *akasha*, que afinal é o *campo* onde, segundo o misticismo oriental, tudo se cria e tudo se passa.

As noções introduzidas pela Física relativista e a Física quântica vieram corroborar as “velhas” concepções místicas sobre o Universo, de que:

- 1) O Universo tem sete dimensões (e não quatro), sempre com uma oitava que é também o início de uma nova série delas;
- 2) não existe a realidade material em si, independente do processo da consciência;
- 3) é inconsistente, portanto, a noção de tempo e espaço limitados à percepção sensorial direta ou indireta.

As fontes místicas orientais citadas por Capra estão, em geral, mais para o misticismo filosófico do que para o Ocultismo propriamente dito, sendo o primeiro mais contemplativo e o segundo mais operativo, embora as duas áreas se interpenetrem. Mas em ambos o “espiritualismo” tende a se encontrar com as concepções “materialistas” da Física de ponta.

O “senso comum” e o “bom senso” já não podem ficar plantados no seu arrogante triunfalismo, rejeitando liminarmente ideias e informações tão “estranhas” e afastadas da experiência cotidiana quanto aquelas da antiga Religião/Ciência (Ocultismo) e da moderna Astrofísica e da Física de partículas. Cabe, portanto a equiparação do grau de “estranheza” do padrão de conhecimento dos místicos ocultistas com a “estranheza” do padrão de conhecimento dos físicos de ponta, porque as ideias de uns e de outros frequentemente se assemelham de forma impressionante.

O presente livro “levanta essa lebre” em outro plano, delineando um paralelo entre o conhecimento moderno na área das ciências humanas (antropologia, sociologia, historiografia, psicologia) e a mitologia ocultista. Propõem-se aqui as linhas gerais de uma trama rica e complexa, mesclando mitos, lendas e mistérios com fatos históricos, acontecimentos objetivos com realidades subjetivas, conceitos místicos com teses científicas.

Atualmente, a imensa região onde se fundem a Crônica e o Imaginário torna-se cada vez mais permeável ao entendimento racionalizado, factual, aquilo que em inglês se chama *common sense* (senso comum) e em português *bom senso*. A expressão inglesa parece ser mais prática – como, aliás é próprio da mentalidade anglo-saxônica -, por-

que o “senso comum” e o “bom senso” nem sempre coincidem. Por exemplo: é do senso comum que a Terra e a Realidade são isto que se vê, se apalpa, se ouve, se cheira e se degusta. Mas não é de bom senso negar a existência dos micro-organismos, que só podem ser percebidos com o auxílio de instrumentos e processos artificiais. Na mesma ordem de ideias, não faria sentido continuar negando que o mundo espiritual - das ideias e sentimentos - exerce influência decisiva no mundo físico.

Por “físico” entende-se aqui a qualidade das coisas e fenômenos percebidos pelos cinco sentidos e por processos ou aparelhos que são extensões dos mesmos (telescópios, microscópios, aceleradores de partículas etc.). “Espiritual” seria aquilo que os sentidos e suas extensões ainda não podem registrar. Mas a possibilidade desse registro é uma questão de tempo. O próprio aparelho sensorial do corpo humano está em evolução. Já se fala em um “sexto sentido” como sendo a capacidade de perceber o mundo “imaterial”, as coisas da alma e do espírito. Portanto cabe imaginar um processo ou instrumento “físico” que no futuro poderá registrar essa faixa da realidade - como hoje há aparelhos que registram (e produzem) ultra-som e infra-som, coisas não percebidas pelos sentidos.

O Reino do Centro da Terra é uma realidade cultural e espiritual que o “senso comum” rejeita, mas o “bom senso” leva a admitir como um dado essencial à compreensão de inúmeros pensamentos e atos dos povos e dos seres humanos ao longo da História e também no presente. Neste aspecto, este livro se propõe como uma contribuição para a inclusão desses “estranhos” assuntos de Ocultismo e misticismo no âmbito da informação cultural profana, universitária, ao lado da Literatura, da Mitologia e dos muito ramos em geral da informação na área de Humanas.

Deste modo, não se pretende aqui “provar” que a Terra é “oca” e que nesse Mundo do Oco existe uma região encantada onde vivem povos e floresce uma portentosa civilização, o Reino de Agartha. Qualquer “prova” nesse sentido seria tão difícil de apresentar (para usar um exemplo da moda) quanto a de que os Ufos ou discos-voadores provêm de outros planetas de dentro ou de fora do Sistema Solar. Ou de que vêm do reino subterrâneo. Entre os estudiosos, ufólogos, pesquisadores ou simples curiosos desse mistério, aqueles que são “partidários” da existência de Agartha sustentam que os ufos/discos voadores saem dali.

É vibrante em muita gente que pensa, trabalha, escreve e de diferentes maneiras atua nessa área, a convicção da existência de todas essas coisas contrárias ao senso comum. Tenham ou não tenham fundamento tais crenças, sua importância se evidencia por si mesma. A mística dos seres alienígenas já se incorporou ao imaginário do homem moderno e integra suas expectativas, seu sistema de ideias e seu comportamento, de forma decididamente objetiva. Até no plano estritamente científico, há estudos e pesquisas que procuram uma prova, um sinal da existência, no espaço exterior, de outra espécie inteligente. No fundo, embora com critérios e métodos científicos, não deixa de ser também uma busca por Extraterrestres (Ets).

Seres que “não são deste mundo” sempre povoaram o imaginário da Humanidade, com diferentes nomes em diferentes épocas e culturas. Eles foram vistos como fantasmas, demônios, gênios, anjos, deuses. Sua influência e interferência no mundo dos fatos sempre foi real, tenham sido eles mesmo reais ou irreais no sentido costumeiro, que cada vez se torna mais inconsistente.

Ainda incipiente na atualidade, a mística dos hoje chamados Intraterrestres ou ITs marcou a “vida real” do homem de algumas culturas antigas do Oriente (basicamente mongóis e tibetanos). Até recentemente, estas culturas valorizavam o segredo em torno dessa crença e dos contatos com o mundo do interior da Terra, inclusive para se preservarem da intolerância religiosa, hoje felizmente reduzida de forma bastante significativa, bem como pelo receio de distorções nas formas de uso do poder aí contido.

Mais recentemente vem-se delineando a tendência a identificar ETs e ITs uns com os outros: seriam dois nomes para os mesmos seres. Já se introduziu até a noção de Ultraterrestres ou UTs, denominação indicativa de que esses alienígenas vêm de lugares que não são “aqui” nem “agora” na ótica do senso comum. Eles vêm de dimensões “ultra”: universos paralelos e simultâneos a este “nosso”, do futuro (ou de futuros alternativos); até de outros planetas mesmo. Mesmo vindo de outros planetas, não deixam de ser ITs porque, para eles, o espaço cósmico e o espaço interior da própria Terra são afinal uma coisa só.

### **TREVA FEITA NA LUZ - SOL DENTRO DA TERRA**

Na dimensão interior da Terra, a Tradição indica a existência de um misterioso e magnífico objeto, um Sol Central, que os místicos hinduístas chamavam de Surya. Em um plano de percepção mais ligado à dimensão dos fenômenos “físicos”, esse Sol Central chega a ser um objeto entre físico e hiperfísico (mais que físico) que para certos cabalistas representa o número Aleph. Este define o ponto focal da Consciência Universal: seria, na linguagem moderna, aquele ponto onde todas as *coordenadas* de espaço e tempo seriam iguais a zero; isto é, todos os momentos e lugares do Universo estariam ali “colados” uns nos outros. Significa isto um ponto único – uma *singularidade*, palavra que, aliás, é empregada pela Astrofísica moderna para definir a natureza do buraco negro, região do Cosmos onde as leis físicas “normais” falecem porque a curvatura do espaço-tempo torna-se infinita.

Ao chegar a Surya, a consciência individual está livre para “focar-se” onde queira: em qualquer momento e lugar de todos os tempos e espaços, já que *tempo* e *espaço* deixam de ter a pesada realidade que lhes atribuímos. Esta ideia “mística” corresponde à ideia científica de que, à velocidade da luz, o espaço se contrai e o tempo se dilata infinitamente. Deixando assim de existir como os concebemos habitualmente, no “senso comum”.

O entendimento desta situação é importante para compreender-se a origem dos ufos, discos ou naves alienígenas que aparecem na face da Terra com crescente frequência.

A Tradição ocultista registra que em Shamballah, capital dos Mundos Interiores, reinam “as Trevas da Iluminação”, o que novamente faz lembrar a ideia do buraco negro. Na Astrofísica moderna, ele é negro porque seu campo de gravidade infinitamente intenso impede que a luz escape do *horizonte de eventos*. Este é o nome dado à zona do espaço ao redor do buraco negro e de onde nada pode sair, nem a luz. Shamballah às vezes é mencionada como sendo o “Sol Negro”, denominação também aplicada Surya, o Sol central espiritual.

Nessa linguagem, o Sol no âmago da Terra pode ser compreendido como um tipo de buraco negro que, em vez de “engolir” a realidade ao redor, destruindo-a, faz o inverso, criando ou recriando a realidade. Os astrofísicos teóricos especulam sobre o que acontece com a matéria e a energia que, entrando no campo de gravidade (“horizonte de eventos”) de um buraco negro, acaba desaparecendo ali. Para onde vai tudo aquilo? Há quem diga que vai sair “do outro lado”, em um outro universo. Portanto, o Sol Central, Surya, Shamballah, podem muito bem ser o “lado de cá” do “outro lado” do buraco negro no centro da Terra.

Na Tradição, são muitas as referências indiretas situando o que chamamos de “o real” como um conjunto inumerável de imagens que consideramos como sendo coisas e fatos, constituindo o mundo. Por serem gerados a partir da mesma fonte, um centro (no caso, Surya), as coisas e fatos que constituem a Terra vêm as ser a *mandala* (imagens irradiadas concêntricas) do Sol Central. Assim, este planeta é a mandala de Surya. E não apenas o planeta. Surya é entendido na Tradição ocultista como sendo o centro de todo o sistema cosmológico ao qual pertencemos. Tanto que o Sol visível é sua “projeção” eletromagnética, assim como a estrela Sirius (alfa do Cão Maior) é sua projeção na Galáxia. Deste modo, o Sistema Solar com seus planetas também faz parte da mandala de Surya. Na metafísica ocultista, Sirius é o centro de todo o sistema cosmológico: sistema solar, Via Láctea, Galáxias, o Universo. Certos cabalistas a consideram a verdadeira estrela polar.

Na Ciência arcana, os planetas do sistema solar são ora sete (visíveis para os Antigos, antes da invenção do telescópio), ora dez. Atualmente, são visíveis nove, mas há uma intensa busca científica pelo décimo, que se admite possa estar além de Netuno e Plutão. Poderia até estar do outro lado, com órbita entre o Sol e a órbita de Mercúrio. O suposto planeta primogênito já tem nome, Vulcano, e certas tradições afirmam que o mesmo já existiu, tendo sido “engolido” pelo Sol.

Na linha do simbolismo dialético do número 7, a Tradição dá conta da existência de sete cidades de Agartha, mais a Oitava, Shamballah, ao centro. Cada cidade destas se relaciona com um dos sete planetas dos Antigos, assim como a Oitava se relaciona com o Sol. (Sobre a significação mágico-dialética do algarismo 7, ver os capítulos anteriores). Na linguagem ocultista, onde o símbolo e aquilo que o mesmo representa se fundem um no outro, a cidade agartina e o planeta a ela relacionado são uma coisa só. Portanto, quando se diz que uma nave veio de Marte, por exemplo, está-se dizendo que veio daquele planeta e da cidade agartina correspondente, pois na esfera do Imaginário, como da Física mais moderna, o *fenômeno* (o fato) e o *númeno* (a ideia)

são uma e a mesma realidade. No nível subatômico, não há como separar a partícula e seu comportamento (*fenômeno*) da ideia (*númeno*) que se faz da mesma. Assim também na linguagem ocultista.

Um objeto ou consciência *ultraterrestre* pode, portanto provir de qualquer dimensão, qualquer localização no tempo e no espaço, qualquer nível de percepção e linguagem; enfim, de *qualquer parte de toda parte*. Ou *do outro lado de parte nenhuma*, como se diz no clássico da literatura infanto-juvenil *The Water Babies*, de Charles Kingsley.

Como o ponto de entrada (e de saída) está em Shamballah, localizada no centro do Reino de Agartha, todo objeto ou processo ligando a face da Terra a Shamballah/Surya passa por Agartha. Na linguagem ocultista, tudo se origina como idéia pura no Primeiro Trono (Shamballah), plasma-se como pensamento no Segundo Trono (Agartha) e se concretiza no Terceiro Trono (Face da Terra). Entre Agartha e a Face da Terra há regiões intermediárias, basicamente o Mundo de Duat (v. adiante).

Esta é, em conjunto, a realidade cultural (antropológica, psicossocial) que se toma como referência fundamental do presente texto, daqui em diante. Este referencial deve ser tido em mente para um melhor acompanhamento do relato sobre as Terras Sagradas e sua origem na nova fase da História que teve início com o fim da Atlântida.

A História das Terras Sagradas conta-se em termos da trajetória do conhecimento humano no sentido da maior, mais profunda e mais consciente interação entre a Humanidade e o Indivíduo, e simultaneamente entre o Indivíduo e o Todo, configurado este na Natureza. Tal trajetória parte do geral para o particular, e segundo a concepção ocultista, parte de volta do particular para o geral, encontrando-se então ampliada e aprofundada.

Em outras palavras: aquilo que no Ocidente chamamos de *Deus* e no oriente de *Brahma (Tat)* sente necessidade de uma linguagem para se autoconhecer. Esta linguagem ver a ser o Mundo e a Humanidade, que por sua vez sentem necessidade de uma linguagem para se comunicar com o Divino. E o Divino necessita disto como uma retroalimentação. O palco ou teatro de operações onde o Humano e o Divino realizam essa busca é o Cosmos em geral e a Terra em especial, daí seu caráter intrinsecamente sagrado. Nesse palco, à medida que o Divino e o Humano vão assimilando a linguagem um do outro, tendem a uma convergência.

Na Atlântida, a qualidade sacra da Terra tinha a ver com a existência de condições ideais em todos os planos: ambiental, cosmológico, astrológico, magnético etc., a partir do alinhamento dos eixos do planeta, como já vimos.

Os eixos (terrestre e celeste), atualmente desalinhados, terão de voltar ao realinhamento, talvez não no plano objetivo dos *fenômenos*, mas no plano virtual, espiritual, dos *númenos*.

Na Idade de Ouro da civilização atlante, essa convergência realizou-se. Mas, dialeticamente, e por causa também da natureza cíclica da evolução, desfez-se – aliás, catastróficamente, como se viu (capítulo 4).

E para preservar o avanço já conquistado, a liderança espiritual atlante (os “deuses”) refugiou-se no Centro da Terra, onde as condições ambientais, magnéticas, telúricas e astrológicas continuaram ideais. Desde então, têm partido dali, pela via da inspiração e da *avatarização* (ver no seguimento do texto) as iniciativas de maior significação cultural e espiritual – ou espiritualista, para empregar uma palavra que integra ambas as acepções.

Os “deuses”, “anjos”, “gênios” salvaram a ciência-religião desenvolvida na face da Terra, levando-a para o interior da própria Terra. “Gênio” emprega-se aqui no sentido que esta palavra tem em relação ao personagem saído da lendária lâmpada de Aladin, como se verá. Tal sabedoria traduziu-se não apenas em conhecimento, mas simultaneamente em amor, significando uma profunda comunhão com o Cosmos e entre todas as coisas que nele existem.

O ganho de conhecimento e sabedoria foi possível na face da Terra enquanto esta reunia as condições ambientais – objetivas e subjetivas – ideais. Isto possibilitou que os seres formados nas etapas anteriores da Evolução (nos Sistemas planetários anteriores ao nosso) pudessem viver e atuar aqui diretamente. Eram os reis divinos, os sábios, os sumo-sacerdotes, os hierofantes, os “deuses” fazendo presença entre os humanos. Quando a situação mudou com o colapso da Atlântida, que não deixou de representar um fracasso deles, os mesmos se retiraram, “interiorizando-se”. Do Mundo Interior, por eles ocupado e amoldado ao longo de mais de 800 mil anos, passaram a agir no meio humano de forma indireta, por intermédio de emissários, os avatares, os mestres e os inspirados. Hoje, o Reino de Agartha tem uma estrutura e uma dinâmica estabelecidas.

## **A VIDA NO REINO DO SOL QUE NÃO SE PÕE**

Dar uma ideia da vida em Agartha é tarefa complexa. Um “terrestre” que ali chegasse com o estado de consciência e o nível de percepção daqui mesmo – coisa impossível – não entenderia nada e talvez até não visse mais do que estranhas formações geológicas, senão a mais completa escuridão. Um visitante que tenha feito a passagem dimensional (conversão de seu estado de consciência) verá uma região onde o dia é perene. (No Ocultismo, “dimensão” e “estado de consciência” são sinônimos). Jamais cai a noite, por causa do Sol central sempre presente, “imóvel” no centro do Mundo (Terra Oca). O forasteiro encontrará gente que lhe parecerá ser “de carne e osso”, de semblante tranquilo, vivendo em confortáveis casas que chamaríamos de “virtuais”.

Não existe a morte: em certo momento, o ser passa para um plano superior de consciência. Existem os dois sexos separados organicamente, mas com androginismo mental-espiritual.

A cópula serve exclusivamente à reprodução, em datas e horas escolhidas de acordo com conhecimentos da conjuntura astrológica e telúrica adequada ao casal. A alimentação é à base de frutas – e o visitante terráqueo não pode comer delas, nem beber da

água local, por demasiada puras para o seu metabolismo. Como vestimenta, uma espécie de túnica branca.

No aspecto econômico, a sociedade é igualitária, sem ricos nem pobres. Todos têm acesso aos bens e serviços necessários, retribuindo com trabalhos de sentido comunitário e principalmente com o ganho consciencial. Este se traduz em créditos que são uma forma de meio circulante na economia.

O sistema político equivale ao que seria uma cidadania sinárquica, com os sábios-sacerdotes na cúpula. A hierarquização social depende do nível em que cada indivíduo se encontra na vivência do amor-sabedoria-conhecimento. O poder supremo é exercido pelo Rei do Mundo e suas Colunas (grandes ministros).

As bibliotecas e os centros de documentação e estudo são gigantescos e maravilhosamente completos. Os agartinos transportam-se em veículos aéreos que usam energia mental integralmente limpa, não-poluente.

Existem trens com trilhos feitos de um material vítreo isolante, com o qual, aliás, se fabricam máquinas e utensílios. A tecnologia é altamente desenvolvida, de difícil compreensão na linguagem terrestre. A Medicina tem por base os processamentos energéticos e magnéticos, inclusive com o auxílio de aparelhos {também “virtuais”}.

Cabe ressaltar que, enquanto seus primeiros emissários já começavam a trabalhar na face da Terra, na época pós-atlante, os agartinos, no mundo interior, completavam sua adaptação e organização para a vida ali.

No Reino de Agartha existem vários planos ou níveis, distintos entre si por uma variedade de fatores, a começar pela profundidade em relação à superfície – consequentemente, pela proximidade ao Sol Central. Quanto maior a distância da superfície e a proximidade do Sol Central, mais as leis da Natureza às quais estamos “acostumados” vão assumindo outra configuração, outra dinâmica. Com isso, o modo de percepção e de interação da mente com o ambiente também se transforma no sentido da superação dos limites físicos e psíquicos correntes nesta dimensão que consideramos “normal”. Os místicos vêem aí uma espiritualização que se realiza em Agartha e se torna absoluta em Shamballah.

O plano menos profundo dos Mundos Interiores, chamado de Mundo dos Badagas, situa-se em grandes cavernas dentro da crosta terrestre, a uma profundidade média entre dezenas e centenas de metros. É plenamente “físico”, habitado por humanos ou humanóides que são tanto mais diferentes de nós quanto mais distintas as condições em que vivem, em relação às da superfície. Na crônica dos fatos estranhos e inexplicados ligados ao assunto, é notável o caso documentado do “casalzinho verde” (uma menina e um menino) que apareceu na Espanha, perto de Banjos, saindo de uma caverna, em agosto de 1887. Os ETs de Varginha, aparecidos em 1996, também podem ser oriundos do Mundo dos Badagas. Os exemplos são tantos que extrapolariam os limites deste trabalho.

O segundo nível, partindo da superfície, é o Mundo de Duat. Pela diversidade de informações, Duat é muito complexo, apresentando uma acentuada diferença entre sua região menos profunda e aquela limítrofe ao nível seguinte, onde se situa o Reino de Agartha. A primeira é uma dimensão intermediária entre o ambiente “físico” da nossa experiência cotidiana e o mundo “psíquico” característico do próprio Duat, e está impressionantemente descrito por Dante na “Divina Comédia”. No “Glossário Teosófico”, Blavatsky o define como “lugar onde residem as almas dos defuntos”, qualificando-o de “lúgubre e horrível”, tal como o poeta italiano o viu. Mas esta descrição corresponde a apenas uma das muitas regiões duatinas. O livro espírita “Nosso Lar”, de André Luiz, psicografado por Chico Xavier e Waldo Vieira, dá uma visão mais para aprazível de uma imensa cidade (de nome “Nosso Lar”), que segundo Sebastião Vieira Vidal fica também em Duat.

Há mais de cem anos, na época em que Helena Petrovna Blavatsky produziu sua monumental obra “A Doutrina Secreta”, os ocultistas consideravam que seria prematuro falar no Mundo Interior da Terra. O primeiro escritor ocidental a se referir a Agartha foi Saint-Yves d’Alveydre, contemporâneo de Blavatsky, tendo trabalhado independentemente. O nome “Agartha” como sendo o do Reino subterrâneo foi explicitamente citado por Ferdinand Ossendovsky no livro (obra já citada) “Animais Homens e Deuses”, publicado na década de 20 do Século XX.

O livro “Horizonte Perdido” (*Lost Horizon*, década de 30 do século XX), de James Hilton, descreve, em forma de ficção, um cantão do Himalaia, *Shangri-Lah*, onde reinam a paz, a harmonia, a saúde e o bem-estar material como decorrência da elevação espiritual. Escrito com base em fontes tibetanas, esse romance situa Shangri-Lah em um vale oculto na montanha, e não como o espaço no interior da Terra, realidade que os lamas consideravam secretíssima. Pela descrição e o nome, que lembra Shamballah, o lugar descrito por Hilton é uma referência a uma região intermediária entre a parte mais espiritualizada da Face da Terra (na tradição oriental, o Tibete) e a região central dos mundos interiores (Agartha).

Na divisa com Agartha, Duat é muito espiritualizado. Quem ali tem acesso já superou o estágio da percepção mais sensorial e anímica do egoísmo e do personalismo. Transcendeu bastante das emoções e paixões e começou a sintonizar-se com a esfera das idéias elevadas, de fraternidade e amor universal.

O verbete do “Glossário Teosófico” (Editorial Kier, Buenos Aires, 1973) sobre “Devakhan” (outro nome de Duat superior) ajuda a compreender não só a natureza de Duat como, por extensão, do Mundo Subterrâneo como um todo, e o estado do ser humano após o fenômeno “morte”.

*“Devachan (ou Devakhan) - Um estado intermediário entre duas vidas terrestres, no qual o Ego superior, Atmã-Buddhi-Manas, ou seja, a Trindade em forma Una [Tríade Superior], entra depois da superação de seu Kâma-Rupa e da desintegração dos princípios inferiores logo após a morte do corpo físico”. (Tradução dos Autores nesta citação. V também, Cap. 3.).*

Blavatsky morreu em 1891. No seu tempo de vida, prevalecia no Ocidente a mentalidade religiosa que se referia ao Paraíso pós-morte como sendo uma região do Céu (o Espaço), a Mansão dos Bem-Aventurados. Opostamente, no mundo inferior (interior), no sentido de “em baixo”, localizava-se o Inferno, lugar de interminável expiação dos pecados graves.

O Credo, oração dos católicos, dizia que Jesus Cristo, após a ressurreição, “desceu aos Infernos” e “ao terceiro dia ressurgiu dos mortos”. Recentemente, o texto do Credo foi mudado, passando a dizer que Jesus “desceu à mansão dos mortos”, de onde ressurgiu após aqueles três dias. Assim a Igreja mudou sua forma de referir-se aos Mundos Interiores, indicando o implícito reconhecimento da natureza “não-infernal” da realidade no centro da Terra. Blavatsky referiu-se ao Devakhan como sendo uma região onde os desencarnados vão ter um descanso, para se refazerem do desgaste e da cansaça que é a vida no físico, a fim de poderem voltar a reencarnar em boas condições.

Devakhan parece ser o nome de um setor da região de Duat que faz divisa com o Reino de Agartha. Henrique José de Souza refere-se a uma outra região, Mekatulan, intermediária entre a Face da Terra e Duat superior (mais interiorizado). HJS também avisa que essas regiões, que funcionam como “câmaras de adaptação” para a passagem de um nível a outro, são criações mentais-emocionais dos próprios seres humanos. Isto significa que um viajante, se for capaz, poderá ir ao âmago da Terra, isto é, Agartha, sem ter de se deter nessas “escalas”.

Em um esquema algo didático, o perfil do mundo interior, do ponto de vista da natureza dos seres que o habitam, seria aproximadamente o seguinte:

Nos Badagas, os habitantes são praticamente como nós na superfície, com os quatro componentes da Pedra Cúbica fazendo-se presentes (V. Cap. 3). Esse espaço funciona como uma espécie de “câmara de descompressão”, um estágio ambiental para a adaptação, em termos de estado da matéria, dos desencarnados em trânsito entre a face da Terra e o mundo interior (no caso, Duat) e vice-versa.

Na região mais superficial de Duat, os habitantes já não possuem corpo físico à maneira dos habitantes da superfície e dos Badagas, nem o mental concreto (ou a maior parte do mesmo), tendo sido estes veículos desativados na morte. Mas carregam ainda o peso do corpo ou veículo energético-vital e do corpo ou veículo anímico-astral, conjunto este que forma o **kama-rupa** (em sânscrito, “forma ou corpo do desejo”). Esta região corresponderia, no geral, ao que na linguagem comum se chama de o Plano Astral, com sua parte mais grosseira (baixo astral) e sua parte mais sutilizada (alto astral). Os católicos a chamam de “purgatório”.

Na esfera mais profunda de Duat (Duat superior, referido alguns parágrafos acima), os seres já não as vestes, corpos ou veículos da Personalidade e, portanto, estritamente do nosso ponto de vista, são “imateriais”. Mas, na sua própria percepção, eles são “físicos, materiais”: ali, como aqui, dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no

espaço. Porém, a matéria duatina pode ocupar o mesmo lugar onde estaria a “nossa” matéria.

Em Duat como um todo, existem lugares bons, sadios – as Terras Sagradas de lá -, como existem outros lugares, ruínas, enfermigos, até tenebrosos. Como já vimos, na linguagem popular, isso corresponde ao alto astral e o baixo astral. Na cidade duatina “Nosso Lar” conforme descrita por videntes, há jardins e bairros sumamente aprazíveis, mas também outros, onde a violência e o crime campeiam. A grande diferença em relação à superfície é que os malfeitores do astral ficam confinados aos seus ambientes próprios, não lhes sendo possível sair dali, muito menos acessar a parte sã ou sagrada da cidade. Isto, por dois motivos: primeiro, o estado vibratório em que se encontram esses marginais astrais constitui uma barreira natural, pois eles simplesmente não percebem ou não se ajeitam em outro ambiente que não o seu; segundo, existe um corpo de guardiães com poderes para coibir e deter os poucos intrusos do baixo astral que consigam penetrar nas áreas boas.

Não existe reprodução em Duat. Ali não se nasce nem se morre, a não ser como uma fantasia excepcional de alguém ainda apegado ao sistema de antes da morte do corpo de carne e osso. Ao chegar lá, o “desencarnado” como que acorda do sono da morte. É o seu “nascimento” na dimensão astral. Quando seu ciclo ali se completa (geralmente em meses, às vezes uns poucos anos), ele simplesmente como que “adormece”. Seus vestígios de vitalidade (prânicos) são desativados. Inteiramente privado destes, o remanescente dos veículos dissolve-se naturalmente. Não há cemitério em Duat. Quando algum ego muito renitente, com um apego excessivo ao mundo das sensações, subsiste, torna-se um “cascão astral”, um cadáver grosseiramente anímico – ou, como diz o povo, alguém que “morreu e esqueceu de deitar”. Waldo Vieira, do Instituto de Projeciologia, chama-o de “psicótico post-mortem”.

O modo de vida na cidade de Duat tem outras semelhanças com o modo de vida no mundo da superfície. Por exemplo, lá também existe uma espécie de trem ligando os diversos bairros. É aéreo e apenas os recém-chegados, que ainda se sentem muito ligados a esta nossa dimensão, precisam utilizá-lo. Os já adaptados às condições próprias da dimensão astral se “tele transportam” pela simples vontade.

De vastas proporções e importância incalculável é a biblioteca central de Duat, onde está reunida toda a produção intelectual da Humanidade em todos os tempos. Ali não falta um só título ou item, exceto os produtos pornográficos. Ainda mais impressionante é o Museu vivo de História Natural, onde vivem espécimes de todas as formas de vida, animais e vegetais, que já existiram na Terra.

A parte mais espiritualizada de Duat, que por assim dizer faz divisa com o Reino de Agartha, funciona também como uma “câmera de adaptação”, para a passagem de um estado a outro. Em Agartha, toda a Terra é sagrada/sadia.

Na interpretação ocultista, quando Jesus Cristo, na antiga forma de dizer do Credo, “desceu aos infernos” (*infero*, sinônimo de *inferior*, no sentido de “mais profundo” ou “interior”), foi para se purificar totalmente de sua passagem pela superfície antes

de voltar a Agartha, sua sagrada terra natal. Uma vez purificado em Duat, pôde entrar em Agartha, de onde regressou à superfície (ao “ressurgir dos mortos”) em “corpo glorioso”, que é o estado normal da matéria naquele Reino. Como consta no Evangelho (*Ascensão*), depois desse regresso momentâneo ao nosso mundo, Jesus voltou definitivamente a Agartha.

A expressão “subiu aos Céus”, pela qual o Credo se refere a este fato, é bem significativa: ele *desceu* a Agartha e com isso *subiu* a um nível espiritual superior.

No Ocultismo, existe uma dimensão que, em certos aspectos, corresponde à noção religiosa popular de “inferno” como lugar de expiação interminável. Tem várias denominações, entre as quais a de “Cone da Lua”, lugar de sombra e terror, que, no entanto, não representa uma condenação eterna, pois para o ocultista a noção de eternidade se limita com a natureza cíclica da Evolução.

Mas ao se falar de Agartha não cabe mencionar o lado punitivo da realidade interior. Em Agartha predominam a inteligência, o amor e a sabedoria.

Vive ali uma Humanidade altamente espiritualizada, formada por seres cuja evolução chegou a esse estágio. O estágio da Personalidade (Pedra Cúbica) foi superado, surgindo plenamente a Individualidade (Pedra Filosofal). Esta, na representação gráfica simbólica, é o conjunto da Pedra Cúbica (Quaternário Inferior, corpo, vitalidade, alma, mental concreto) encimada (e utilizada) pela Pirâmide (Tríade Superior, mental abstrato, mental intuitivo ou “búdico”). O ser agartino está bem próximo do princípio crístico, o mesmo *Atmã* ou *Verdadeiro Ego*. É aspecto e integral do ser orgânico humano. Todos os corpos ali são “gloriosos”. Sua matéria está numa alta frequência vibratória, o que lhe permite permear-se (interagir, intercambiar) intensamente com o akasha, o Mar Sem Limites que se derrama do Logos Planetário. Este é o sentido de se dizer que a matéria agartina é muito mais “sutil”, muito menos “densa” que a dos outros níveis - claro, não só nos corpos humanos, como em todos os objetos e no meio ambiente por completo.

Quanto aos habitantes agartinos, não se pode falar em “pessoas”, mas em “individualidades”. Cada um é a expressão direta de sua *mônada*, seu *espírito*, entendido como entidade individual em contato com a fonte universal que é a origem e a referência do mundo manifestado. No estágio da superfície da Terra, a linguagem humana é insuficiente para tratar disto.

Cabe lembrar a máxima ocultista: “a Mônada nunca deixa a Casa do Pai que está no Céu”. Mas para evoluir, a Mônada “se projeta” no Mundo, num efeito-cascata que “passa”, na ida e na volta, por todos os níveis. Assim a mônada vai vivenciando e recolhendo informações (experiências-conhecimentos) que retroalimentam o grande *software* da Criação. No fundo, a Mônada original é uma só, mas se desdobra na manifestação inumerável, da qual se retroalimenta, lembrando o famoso anacoluto de Guimarães Rosa: “o espelho, são muitos”.

Sendo, de nosso estrito ponto de vista, uma abstração, Agartha é, no entanto, uma Civilização, um país com sete cidades ou cantões em torno da oitava cidade, a capital, Shamballah, onde vive o Rei do Mundo, Melkitsedek. Cada uma das sete cidades tem o seu Rei. Seriam os Sete Reis de Edon (Éden?) mencionados nas Escrituras dos cronistas hebraicos que ao longo dos séculos foram dando forma à Bíblia.

No seu próprio nível, a civilização agartina tem tudo o que a nossa tem, desde o que de bom e belo já está aqui realizado até aquilo que, nesse sentido, ainda se encontra no nível da possibilidade, do potencial ou ideal, ou seja, do futuro.

No reino subterrâneo não existe desamor, pobreza, doença, crime, como os conhecemos no mundo da superfície. Ali a rara criminalidade prende-se à violação do maior valor real para os agartinos, que é o acesso e o progresso do conhecimento transcendental. Isto se faz por um escalonamento hierárquico, de acordo com um andamento consagrado há milênios. O grande crime agartino consiste em alguém tentar quebrar esse código, para apoderar-se de conhecimentos que ainda não estão acessíveis aos de sua categoria. Em geral, a transgressão se resolve sem traumas nem punições, uma vez que não existem presídios nem castigos de outra ordem - a não ser, nos casos de extrema gravidade, a expulsão para a face da Terra.

A formação do Reino de Agartha foi simultânea à do Governo Oculto do Mundo. Como já vimos, na Idade de Ouro atlante existia um Governo do Mundo na superfície do planeta. Com o colapso daquele continente e da civilização nele existente, o Governo do Mundo interiorizou-se, tornando-se, portanto, pela ótica da superfície, Oculto.

Diz a Revista Planeta, Edição especial de fevereiro de 1983:

*“É interessante notar que as tradições chinesas, egípcias, hindus e de outros povos mencionam uma grande abertura no norte e uma raça que vive sob a crosta da Terra. Nas lendas britânicas, irlandesas, escandinavas, encontram-se alusões a essa terra paradisíaca sob a superfície terrestre.*

*Ray Palmer, editor da revista americana **Flying Saucers**, e Gray Barber, escritor, ambos especialistas em UFOs (objetos voadores não identificados) ou discos voadores, acreditam que esses têm sua origem no interior da Terra. Esse mesmo conceito de que os discos voadores provêm do interior oco da terra foi apresentado pela primeira vez pelo prof. Henrique José de Souza, fundador da Sociedade Teosófica Brasileira, hoje com o nome de Sociedade Brasileira de Eubiose, com sede em São Lourenço, no Estado de Minas Gerais, onde há um templo imenso, em estilo grego, dedicado a Agartha, nome budista do mundo subterrâneo”.*

Este Templo é “dedicado ao Deus Único e Verdadeiro de todas as religiões do mundo”. Muitos dos seus frequentadores estudam profundamente esses assuntos, e também as filosofias, culturas e religiões comparadamente, com base nas revelações do mestre Henrique José de Souza.

Para o tema deste livro, importante é ressaltar que, como já foi dito, o impulso evolucionar em sintonia com o programa do Governo (Oculto) do Mundo passou a emanar do Reino de Agartha, onde o sagrado/sadio predomina. E que, quanto mais direta a influência agartina na Terra, mais sacralizada a parte do território onde a mesma se exerce.

## CONTATOS ENTRE A FACE DA TERRA E O REINO DE AGARTHA

Para compreender a índole das relações entre Agartha e a Face da Terra, é preciso recuar um pouco neste relato, até o momento em que o relacionamento começou ao final da civilização da Atlântida.

A marcha da Evolução não é linear, passando por contradições, alternativas, oposições, desvios, ciclos. No Ocultismo se diz que o Planetário, que afinal é a personificação do Logos, sendo este, Deus em ação, tem consciência mas não tem experiência. É uma contradição em termos, que só se resolve na prática da existência do Universo. O plano da Idéia (Ideação, Divindade) alimenta o plano da Ação (Natureza, Humanidade) e se retroalimenta dele. Dá-se então o choque de retorno, levando à perpétua reformulação operada pelo Carma.

As relações entre Agartha e a Face da Terra passam por esse metabolismo, com a Humanidade do reino subterrâneo polarizada no plano da Ideia e Humanidade da superfície polarizada no plano da Ação.

Na Idade de Ouro atlante, a utopia ecológica e social esteve momentaneamente realizada. Era perfeita para aquele momento e situação. A Ética, como arte e ciência da boa convivência dos humanos, fundia-se com a Ecologia, a arte e ciência da boa convivência entre os humanos e os demais seres da Natureza. Mas aquele foi apenas um ato no drama da evolução, e passou.

A Civilização atlante, no apogeu, talvez não deixasse de agredir a Natureza a seu modo, mas em escala bem menor do que a Civilização atual. Graças a isso, os “deuses” e os humanos puderam trabalhar juntos na construção de uma Cultura *sagrada*, no sentido de ecológica e espiritualmente *sadia*.

Na decadência, a agressão dos atlantes ao meio ambiente alcançou o nível mais catastrófico (capítulo 4). Então a liderança espiritual atlante retirou-se para os mundos interiores levando o cabedal da ciência/religião atlante (metafísica ocultista, conhecimento arcano, sabedoria dos deuses). E, uma vez instalada e ambientada ali, passou a agir na Face da Terra por meio de emissários e escolas iniciáticas, bem como por processos mentais que chamaríamos de “mágicos e místicos”: avatarização, indução áurica (ideias e sentimentos ativados no aura do ambiente da superfície, e que vão sendo captados pelos habitantes), inspiração intuitiva (de cientistas, escritores, artistas, poetas, filósofos).

Os contatos entre Agartha e a face da Terra se fazem de uma grande variedade de maneiras. No aspecto mais “material”, há passagens geralmente localizadas em regi-

ões montanhosas, espalhadas pelo mundo. Hoje, em grande parte, encontram-se no Brasil, principalmente na região da Serra do Roncador, em Mato Grosso, e na Serra da Mantiqueira, no sul de Minas Gerais – o que tem a ver com o caráter “sagrado” dessas terras.

No aspecto mais geral, o acesso pode estar praticamente em qualquer lugar. Existem também contatos mágicos, ritualísticos.

Uma das principais vias de comunicação com o Reino de Agartha é pela avatarização. Segundo Blavatsky, “a encarnação divina ou a doutrina do avatara tem constituído o maior mistério de todos os antigos sistemas religiosos”. Ela também diz tratar-se da “descida de um deus ou de algum Ser glorioso (que tenha superado a necessidade de renascimento na Terra), no corpo de um simples mortal”. Segundo a Eubiose, “avatara é a manifestação cíclica do Espírito de Verdade”, manifestação esta que pode ser total, parcial ou momentânea.

“A Terra Oca”, de Raymond Bernard (1969) cita como principal via de ligação com os Mundos Interiores uma imensa abertura no Polo Norte, camuflada pelas geleiras. No livro de Bernard, Henrique José de Souza é citado como “o Professor Souza”, e considerado uma “autoridade” no tema dos discos-voadores como vindo dos Mundos Subterrâneos. Bernard cita também referências anteriores sobre o assunto, como a de Marshall B. Gardner (“Jornada ao Interior da Terra” ou “Have The Poles Really Been Discovered?” – “Foram os Pólos Realmente Descobertos”, 1920), a obra de William Reed (“Phantom of the Poles – O Fantasma dos Pólos”, 1906) e a famosa viagem do almirante Byrd.

Em 1947, este militar comandou uma expedição norte-americana à região ártica e lá viu uma zona de clima ameno, 2700 quilômetros para dentro do círculo polar: seu avião teria sido “interiorizado”, isto é, penetrado no mundo subterrâneo, de forma “acidental”. Em 1956, Byrd veria algo semelhante no polo sul.

O texto de Bernard é talvez objetivo demais ao traçar o perfil do mundo interno como sendo algo inteiramente “físico, material” no sentido comum.

O aparecimento dos discos-voadores ou UFOs, que começaram a ser vistos, com frequência cada vez maior, a partir do final da Segunda Guerra Mundial, gerou toda uma mitologia moderna, onde fica difícil distinguir a fábula do delírio, a lenda da fantasia, o psicodrama da percepção mental e até o fato da fraude.

Desde o colapso da quarta raça mãe, atlante, uma forma fundamental do trabalho dos agartinos na Face da Terra liga-se ao aparecimento e formação da nova raça. Para isto, entram em cena, vindo do Reino de Agartha, personagens conhecidos como *manus*, guias e mentores espirituais e culturais dos povos. Antes, os *manus* nasciam na Face da Terra, mas depois passaram a vir de Agartha, por um processo de avatarização.

Segundo a Tradição, são notáveis os movimentos espirituais e culturais orientados, em diversas épocas e regiões, por *manus*. Citaremos alguns deles: Abraão, guia-

patriarca dos novos semitas; Ur-Gardan, que levou um povo para o litoral da Europa; Urgana, rei da Suméria, sacerdote da Ordem dos Magos da Caldéia; Rama, à frente dos Celtas; Fo-Hi, dos chineses; Odin, dos nórdicos (germânicos); Moisés, continuador de Abraão; Manco-Capac, dos Incas; Itizama e Quetzalcóatl, dos maias e astecas; Sumé ou Tamandaré, dos Tupis (tidos como menos civilizados ou apenas pré-civilizados).

A região onde começa a se formar uma raça mãe é tradicionalmente considerada uma terra sagrada.

Segundo a Tradição, as gentes que os manus fundadores das bases da quinta raça, ária, conduziram ao Pamir, pertenciam basicamente (não exclusivamente) à sub-raça atlante dos semitas, e com esse material humano eles começaram a direcionar a constituição da primeira sub-raça (ário-hindu) da nova raça mãe. Esta viria a ganhar o nome de ariana por ter surgido no ciclo astrológico-astronômico de áries, ou seja, quando o equinócio de primavera do hemisfério norte se encontrava nessa constelação zodiacal

Hoje, nas condições adversas em que se encontra o meio ambiente global terrestre, a continuidade e o avanço dessa Cultura na face da Terra dependem da ligação com o cabedal recolhido ao mundo interior, ali preservado - também desenvolvido pelo retorno dos resultados de sua aplicação na Face da Terra, ou retroalimentação. É de Agartha que, na ótica dessa mesma Cultura ocultista iniciática, vêm as informações, os impulsos e estímulos para o prosseguimento naquele rumo. A retroalimentação continua sendo um dado básico. Isto é: os seres de Agartha, ao nos ajudarem, também estão ajudando a si mesmos, já que sua própria evolução necessita da polaridade com os humanos da superfície.

Na Tradição ocultista, o sumo-sacerdote Vaisvávata, Manu (pai-guia-fundador) da Quinta Raça-Mãe, foi o primeiro personagem destacado pelo Governo do Mundo para liderar a retirada dos contingentes humanos que reconheciam os valores espirituais da Atlântida. O Governo do Mundo tomou essa providência por saber antecipadamente da catástrofe que viria a ocorrer.

Vaisvávata não foi um *avatar* porque nessa época a liderança espiritual ainda não entrara para o centro da Terra e atuava diretamente na superfície. Era o “governo dos sábios”, sediado na Cidade das Portas de Ouro.

A vanguarda espiritual dos atlantes começou a se retirar para o mundo interior bem antes do cataclismo, assim que se caracterizou a decadência daquela civilização. Sendo um desses iniciados nos segredos da religião-ciência, Vaisvávata estava inteirado do início do longo processo do final catastrófico da Atlântida e partiu com sua gente.

“Vaisvávata” parece ser o nome não de um indivíduo em particular, mas de uma longa linhagem de guias que, ao longo de muitos milênios, foram promovendo o êxodo cada vez que se aproximava uma das catástrofes referidas. A partir da interiorização, eles tornaram-se avatares, isto é, seres inspirados ou mesmo vindos dos mundos interiores, para agir na face da Terra.

O sistema dos avatares foi ativado há uns 800 mil anos. Mas há apenas uns 11 ou 12 mil anos, um Vaisvávata avatar que viveu na ilha de Poseidonis (mencionada no capítulo anterior, último reduto da civilização atlante) “tirou o time” pouco antes da hecatombe local. Deslocou-se muito para Leste, cruzou o Himalaia e se estabeleceu com sua gente na região himalaiana do norte da Índia, na meseta (área plana entre montanhas) do Pamir. Era a Terra da Promissão ou principal Terra Sagrada da época (em sânscrito, *Aryavarta*, “terra dos ários”. Ali vinha sendo desenvolvida, há centenas de milênios, a nova raça-mãe, ariana.

À medida que a superfície da Terra se dessacralizava com a progressiva falência atlante, os manus foram passando a ser também avatares. Surgiam como encarnações, na face da Terra, da inteligência espiritual abrigada no Reino de Agartha, onde o Sagrado e o Sadio tinham-se refugiado quando houve o maior dos cataclismos, há 850 mil anos. (O Sagrado e o Sadio podem ser entendidos sob a denominação-síntese de o Espírito de Verdade ou Sabedoria Eterna).

Como avatares, os Vaisvávatas eram emissários de Agartha. (O processo da avatarição é abordado em outro ponto deste livro). De lá, eles foram trazendo o conhecimento da ciência-religião atlante, conservada no mundo interior, para vivenciá-la no mundo exterior...

## **AS CASTAS NA SOCIEDADE EMERGENTE DOS ARIANOS**

Logo na primeira fase dos ário-hindus, foram constituídas as castas sociais. Este ponto ainda faz parte dos mistérios de difícil acesso para a mentalidade lógico-factual moderna. Para compreendê-lo, é preciso considerar que o dado genético tinha importância fundamental, até prioritária, na mentalidade daquela época.

De saída, a constituição do novo ramo racial se fez pela intervenção direta do Manu na geração de novos indivíduos. O Manu era de fato um patriarca também no sentido de que cabia a ele gerar uma multidão de descendentes que herdavam seu código genético.

A idéia básica do sistema de castas consistia em que a colocação de um determinado indivíduo nesta ou naquela casta tinha a ver com o estágio de desenvolvimento do seu aparelho cérebro-espinhal-glandular e o nível do intelecto e da sensibilidade aí baseados. Como isto era, na prática, extremamente difícil de se aplicar, logo passou a prevalecer a pura e simples origem genética do indivíduo, isto é, seu nascimento nesta ou naquela família - que levaria, com o passar dos milênios, à hipertrofia da importância do *sobrenome*, independente dos predicados do próprio indivíduo.

Mais tarde, este “critério” sofreu grave e total deturpação. As castas viriam a tornar-se instrumento de dominação social de uma autodenominada elite sobre a grande maioria do povo.

Originalmente, eram quatro as castas, descritas abaixo segundo os registros deixados pelas tradições. Os registros orais tradicionais (recolhidos por Blavatsky, que os escreveu) contêm informações de caráter biológico que podem até colidir em alguns pontos com noções científicas atuais, mas são aqui transcritos a título de informação sobre como os ocultistas ortodoxos veem o assunto.

Citadas “de baixo para cima”, as castas do hinduísmo clássico eram as seguintes:

Os Sudras, pessoas simples, de pouca atividade intelectual, competentes para o serviço braçal, a grande massa popular majoritária. Sua produção de secreções das glândulas endócrinas (e de neurocondutores, como se diz modernamente) estava ainda em nível insuficiente para produzir modificações no desempenho intelectual, sendo seu nível de percepção limitado às sensações.

Os Vaishias, em número menor, embora numerosos, artesãos e profissionais em geral com alguma especialização, comerciantes, empresários, artistas, inventores. Tinham o aparelho endócrino e os neurotransmissores mais ativos, refletindo-se (no desempenho do sistema nervoso) em uma vontade de progredir.

Os Kshatrias, indivíduos com forte inclinação guerreira e gosto pelas artes militares, capacidade prática de liderança e iniciativa, com copiosa produção de secreções endócrinas e de neurotransmissores, traduzida em uma fortíssima vontade, registrando-se na crônica que prevalecia neles uma alta atividade das glândulas supra-renais (hoje se sabe que se tratava da grande produção de adrenalina).

Finalmente, os Brahmanes, sacerdotes, filósofos, pensadores, intelectuais, médicos-taumaturgos, com as funções endócrinas e neurotransmissoras em regime de plenitude, para a época.